visão

Edição 01
dezembro/2020

“A DEFICIÊNCIA NÃO ME DEFINE

Nathalia Santos fala sobre carreira, capacitismo e a chegada da maternidade

+ BELEZA, NEGÓCIOS QUE INSPIRAM E MERCADO DE TRABALHO

Revista Visão - Edição 1

Uma publicação do Projeto Mulheres de Visão, desenvolvido pela Escola Comradio em parceria com a Fundação Interamericana (IAF), com o objetivo de empoderar e despertar o empreendedorismo em mulheres cegas e com baixa visão.

Iraildon Mota
Diretor responsável

Luana Sena
Editora-chefe

Angelita Garcia, Denise Santos, Jucelma Sousa
Conselho editorial

Gleyce Amaral, Fernando Nepomuceno, Isael Lima
Audiodescrição

Bruna Coimbra
Redes sociais

Gildene Costa
Comercial

Ermerson Pereira
Direção de arte

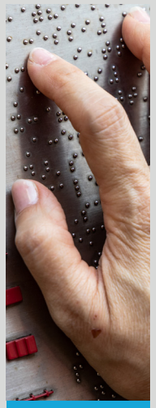
VOCÊ NA VISÃO!

A gente quer saber o que você, ai do outro lado, anda aprontando! Se você é uma mulher arteira, manda pra gente uma amostra de todo o seu talento, seja escrevendo poesia, crônica, fotografando, pintando ou fazendo arte - estas páginas também podem e devem ser ocupadas por você, leitora!

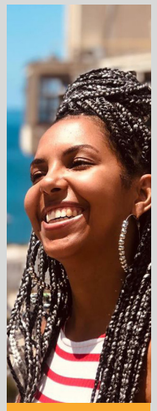
Ah, além disso, escreve pra gente também o que você achou desta edição da revista. Sua opinião é super importante para pensarmos os próximos números e pautas a aparecerem por aqui!

Escreva para **redacaorevistavisao@gmail.com** ou fale com a gente pelas redes sociais: **@projetomulheresdevisao** / **@comradiobr**

ÍNDICE

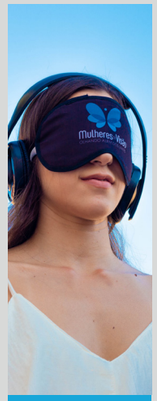


08
OPINIÃO
Cultura do acesso
por **Thamyle Vieira**



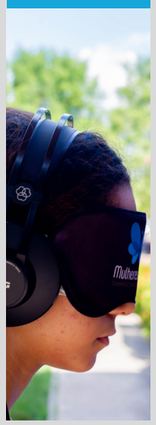
16
ENTREVISTA
Nathalia Santos:
“A deficiência
não me define”

30
NEGÓCIOS
Costuras do imaginário e
as camisetas em **braille**

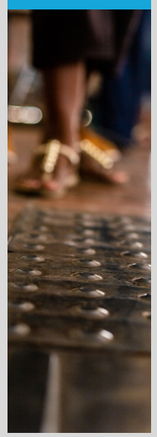


44
SAÍDA
O poder transformador
da mulher cega
Iraildon Mota

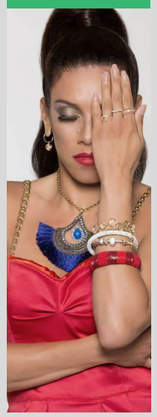
06
EDITORIAL
Chegamos!
Você consegue ver?



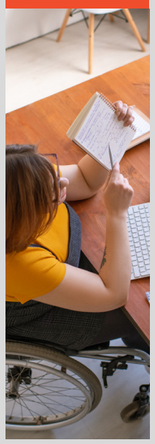
11
OPINIÃO
Corponormatividade
e capacitismo por
Deborah Prates



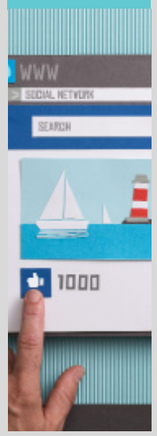
25
BELEZA
Iniciativas que
visam incluir a
diversidade



35
MERCADO
50% das vagas para pesso-
as com deficiência não estão
preenchidas no Piauí



47
COLUNA VISÃO
Para ver, ouvir
e **seguir**



VOCÊ CONSEGUE VER?

A Visão surgiu como um projeto âncora, daqueles que se lança com firmeza em uma espécie de porto pro eu-embarcação. É claro que ela não tinha esse nome: chegou como ideia e fomos discutindo e construindo juntos, conceitos e seções, na busca por entender o que significa não enxergar numa sociedade onde tudo parece feito só para quem se julga capaz de ver.

Para mim, desde sempre ficou claro que esta era uma revista voltada às mulheres que, por um acaso - e não necessariamente por dramas pessoais - são também pessoas cegas - mas a cegueira ou a baixa visão não podem nem devem ser definidoras de tudo o que elas são e das coisas pelas quais se interessam. São mulheres, como eu e você, leitora, e o fato de não enxergarem é apenas uma condição de existirem neste mundo.

Mas, será que elas realmente não conseguem ver?

Ter visão é enxergar além. Transcender barreiras impostas por uma sociedade que discrimina e exclui aquilo que, por opção, teima em não ver. Visão aqui é mudar a chavinha que direciona nosso olhar, costumeiramente enviesado, cristalizado, que acaba elegendo sempre os mesmos temas, pessoas e corpos para estampar as tão questionáveis mídias. Visão tem outra proposta, que se pretende diferente e ao mesmo tempo luta por direitos iguais.

Para você, que tem nas mãos ou nos ouvidos agora essa experiência de uma edição sensorial, quero deixar claro que, nem de longe, esta é uma revista comum - Visão chegou desafiando tudo o que aprendi em uma década de jornalismo - oito deles dedicados apenas a fazer revista. Eu, que sempre trabalhei com a palavra, de repente me peguei pensando na delicada escolha de termos e expressões não-capacitistas, na hierarquia visual das informações (a quem pode ser útil?) e na total falta de acessibilidade na maneira como nos comunicamos.

Foi desconfortante mas foi graças a essas provocações, em reuniões por zoom, encontros via whatsapp e troca de e-mails com mulheres muito, muito inteligentes, que este conteúdo surgiu. Agradeço a todas e a todos que dedicaram um pouco do seu tempo e conhecimento para nos ajudar e, sim: fizemos uma revista no meio de uma pandemia!

Escrevo estes parágrafos enquanto uso minha camiseta em braille do projeto Costuras do Imaginário e Lar das Cegas - você conhecerá em nossas páginas. Também refletirá sobre os padrões de beleza, as cotas no mercado de trabalho e entrará em contato com o modo de pensar de Thamily Vieira, Deborah Prates e Nathalia Santos - a primeira apresentadora de jornal cega. Curiosamente, Nathalia pariu o David enquanto nós, aqui na outra ponta do país, fazíamos nascer a Visão.

Os sinais são para quem consegue ver. E ter visão vai muito além da capacidade de enxergar.

Boa leitura!

Luana Sena

APP RÁDIO WEB

MULHERES DE VISÃO

conteúdo gratuito e inclusivo

DISPONÍVEL NO Google Play

CULTURA DO ACESSO

UMA NOVA FORMA DE PENSAR ACESSIBILIDADE NAS ARTES

por Thamyle Vieira

Acessibilidade na cultura é um tema muito desafiador. Algumas questões iniciais para refletirmos: nos espaços culturais que você frequenta, quantas pessoas com deficiência você encontra? Quantas você vê produzindo arte? Dos espetáculos que vê, das músicas que ouve, dos filmes que você assiste: quantos tem pessoas com deficiência protagonizando? E mais além: de toda essa produção cultural que você consome, quantas são dirigidas por pessoas com deficiência?

Então podemos pensar: será que essas pessoas não existem? Por que elas não estão na arte se ela é para todos? Quem são esses "todos" que estamos considerando? As pessoas com deficiência não fazem parte desse todo? Esse público não está ocupando esses espaços porque a arte não considera essas pessoas corporalmente diversas. O que precisa ser feito para reverter esse quadro?

Nós não temos respostas para todas as perguntas nem receitas prontas para que a gente viva num mundo cultural ideal, onde são consideradas as diversidades, toda pluralidade, todas as formas de ser e estar no mundo. Nós temos muito mais inquietações e provocações do que soluções.

Quando falamos de acessibilidade na cultura, precisamos ponderar algumas dimensões que são importantes para discutir essa questão. Esse percurso é baseado no conceito de desenho universal, que é pensar ambientes, produtos e serviços para serem alcançados, manipulados e usados por todas as pessoas, independente da sua condição física, intelectual, social, etc.

A primeira - e também mais conhecida - dimensão é a acessibilidade física, que diz respeito ao direito de ir e vir. É o conjunto de condições que possibilitam a todas as pessoas utilizarem, com segurança e autonomia, todos os espaços e edificações, sejam eles públicos ou privados.

A segunda dimensão é a acessibilidade comunicacional. Essa visa efetivar o direito constitucional de acesso à informação por todas as pessoas, assegurado pela Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. No campo das artes, como as pessoas com deficiência estão acessando o que pretende ser comunicado? Como estão sendo feitas as divulgações dos eventos culturais? Especialmente neste período de pandemia, como estou comunicando para chegar nessas pessoas que são diversas e interagem com os meios de formas diversas? Essa é uma questão muito importante.

Dá conta do uso de recursos que possibilitam o acesso à informação por pessoas com deficiência como descrição de imagens nas redes sociais, intérpretes de libras, audiodescrição, dentre outros.

A terceira - e, talvez, mais importante, pois embasa todas as outras - é a acessibilidade atitudinal. Ela parte da atitude do ser humano. Sem a acessibilidade atitudinal fica difícil compreender a necessidade de uma acessibilidade física e comunicacional e todas as outras dimensões de acessibilidade que existem. Diz respeito a ter uma atitude que não exclua as diversas formas de existir nesse mundo.

Uma outra dimensão, mais relacionada a arte e não menos importante, é a acessibilidade estética. Esse termo já está sendo utilizado por alguns pesquisadores da área. Para entendê-la, é preciso falar de experiência estética, que é uma proposta de experimentação corporal, uma forma de experiência humana para ser percebida por todo o corpo. Ela fala da multissensorialidade. Convoca a um estado de entrega, de impregnação. Não é só o contemplar, apreciar. Ela extrapola a questão da racionalidade. Predispõe movimento.

Essa discussão não é recente, embora hoje seja percebida de forma mais consistente. Hélio Oiticica, um artista conceituado da década de 70, já compreendia a arte como extensão do homem. “Na arte, os trabalhos tem que deixar de ser obras para serem propostas abertas ao público, complementadas por ele”. Então quando falamos de experiência estética, partimos dessa perspectiva.

A arte não está para ser percebida apenas por um único sentido. O corpo entra como fonte total da sensorialidade. Quando eu penso a experiência estética nesse sentido, eu falo sobre acessibilidade estética. Quando eu proporciono uma experiência estética, automaticamente eu incluo as pessoas com deficiência. Se eu penso diversas maneiras de criar minha arte, de como o outro vai perceber a minha arte e vai recebê-la, consequentemente estou incluindo todas as diferentes formas de se estar no mundo.

Falar sobre acessibilidade estética não significa negar o uso de recursos de acessibilidade. Audiodescrição, intérprete de libras e outras tecnologias assistivas são extremamente importantes para que pessoas com deficiência possam ter acesso a arte, mas quando falamos de acessibilidade estética, estamos falando sobre ultrapassar os limites desses recursos - para que sua utilização seja ampliada. O que a audiodescrição faz, por exemplo, é uma tradução informacional, traduzindo um conteúdo visual para um sonoro.

A utilização desses recursos é de extrema importância, mas o acesso à informação por si só, de alguma forma, cancela a nossa possibilidade de ter uma experiência. E a arte, além de ser apreciada, também pretende proporcionar uma experimentação que inicialmente é desconhecida, pois é vivenciada por cada indivíduo de maneira muito particular. Para Oiticica, “Os fios soltos do experimental são energias que brotam para um número aberto de possibilidades” (Oiticica, 1972, p. 50).

> ***Se eu penso diversas maneiras de criar minha arte, de como o outro vai perceber a minha arte e vai recebê-la, consequentemente estou incluindo todas as diferentes formas de se estar no mundo.***

São muitos desafios, barreiras e paradigmas que precisam ser transpostos. E essa luta não é uma luta só das pessoas com deficiência. Dentro do universo cultural, a visão que se tem da pessoa com deficiência ainda é a de alguém incapaz, fincada numa baixa expectativa sobre estas pessoas.

Precisamos avançar conceitualmente e compreender a pessoa com deficiência como alguém capaz de consumir e produzir arte. São pessoas com corpos diversos, que tem uma maneira muito particular de se relacionar com o mundo, mundo esse que insiste em se organizar de forma a não incluí-las, tirando as oportunidades de viverem em condições equivalentes aos demais.

Thamyle Vieira *é mulher cega, pedagoga, especialista em Gestão escolar e coordenação pedagógica. Analista de Cultura, integrante do grupo de Trabalho de Acessibilidade Cultural da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará onde atua desde 2009. Tem experiência como formadora em palestras, oficinas e cursos voltados a inclusão de Pessoas com Deficiência.*

OPINIÃO

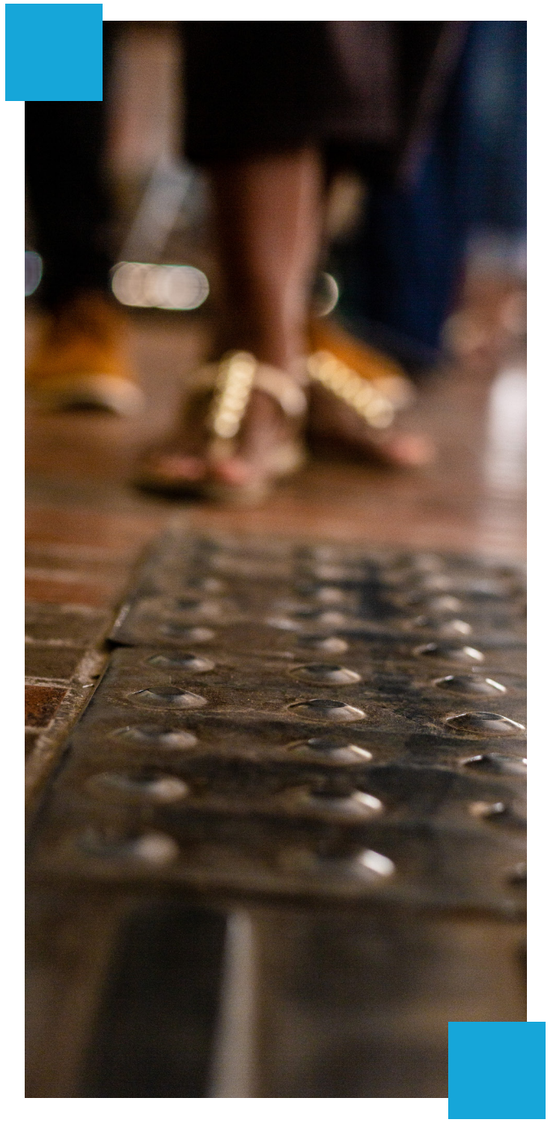
CORPONORMATIVIDADE CAPACITISMO E ACESSIBILIDADES

por Deborah Prates

Descolonializarmos os corpos e os saberes em uma sociedade ainda com hábito/pensamento colonial - como é o caso do nosso Brasil – é necessário como forma de recuperação da nossa humanidade. Essa questão implica diretamente na forma com que percebemos a existência, a identidade, o conhecimento, o poder, a política, o Direito e os direitos. O processo de descolonização é a sobrelevação da submissão que, no caso, decorre do capacitismo e precisa iniciar dentro de cada pessoa, na relação com a outra e com o mundo, vez ser a nossa existência relacional.

Uma das áreas do saber que mais demonstrou o quão decisivo é vivermos em corpos, e em corpos que são diferentes, foram os estudos das deficiências. Os nossos corpos mudam crucialmente a forma com que vemos o mundo, pelo que podemos afirmar que todo conhecimento é parcial e situado. Isto porque não podemos sair dos nossos corpos para saber como o ser que habita um outro enxerga o mundo.

O poeta português Mário Cesariny, em um de seus poemas, afirma que vivemos em zonas muralhadas, de modo que ocupar o lugar de escuta, dando ao outro o lugar de fala, num movimento político e social, é condição sine qua non para o exercício da solidariedade. Este é o sentimento que nos faz humanos e é um dos objetivos da nossa República Federativa.



Não é possível generalizar as vidas, seja de quem nasceu com uma deficiência, seja de quem adquiriu uma no curso da existência, seja de quem não tenha nenhuma situação de vulnerabilidade no corpo. Perceber a relação entre a experiência de vida de alguém que não vê, ou, ainda, de quem anda em cadeira de rodas, e as representações culturais acerca das deficiências, é bastante rico e levará a sociedade a concluir que a tragédia não é pessoal, como se pensa e diz, mas, sim, social. É a sociedade que coloca diante das pessoas com deficiência inúmeros obstáculos/barreiras que, em incontáveis situações, são intransponíveis.

Há corpos que são vistos como coisas, de sorte que estão mais vulneráveis a violência, a discriminação e a exclusão. Certo é que as diversidades são como são e não como a coletividade as idealizou. Portanto, é urgente enterrar esse ideal para que possa iniciar o período do luto com todas as suas etapas. Temos que repensar o convívio social, a fim de uma libertação do conjunto de preconceitos que, de geração em geração e fruto de uma cultura eurocêntrica, chegou até os nossos dias, atingindo as nossas famílias.

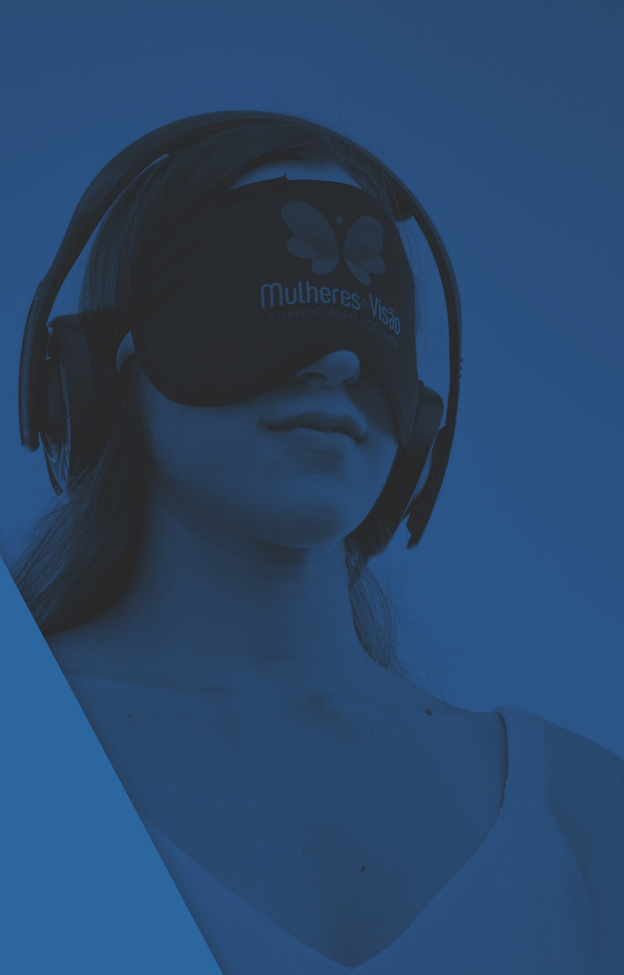
A corponormatividade aprisiona. O normal engaiola. Pessoas nasceram para a liberdade, pelo que não podem andar algemadas pelo fato de fugirem ao dito "normal". O que é ser normal senão uma forma de poder do grupo dominante? É preciso recepcionar as pessoas com as suas particularidades, diferenças.

Penso que a saída seja o conhecimento, o que vai de encontro ao prejulgamento, habitual nessa sociedade capacitista, racista, sexista, misógina, LGBTfóbica, etc. Ora, por que um pintor somente pode trabalhar com as mãos? Porque assim a sociedade convencionou como "normal". Não. Há pessoas que pintam com os pés, com a boca. E daí? Isso é normal. O "normal" é ser FELIZ! Todas as pessoas precisam ser vistas enquanto corpos sujeitos e não como coisas.

Deborah Prates *é advogada inscrita na OAB/RJ sob o nº 48.951 e membro efetivo do Instituto dos Advogados Brasileiros, onde integra a Comissão de Direitos Humanos. É a única pessoa com deficiência a compor o IAB em 173 anos de existência. Como ativista da causa das pessoas com deficiência é autora do livro Acessibilidade Atitudinal, editado pela Gramma Editora em 2015.*

Há corpos que são vistos como coisas, de sorte que estão mais vulneráveis a violência, a discriminação e a exclusão. Certo é que as diversidades são como são e não como a coletividade as idealizou.

OLHANDO ALÉM DOS LIMITES



O projeto Mulheres de Visão é uma iniciativa do Instituto Ilever, Escola Comradio e Fundação Interamericana, que visa capacitar mulheres cegas ou com baixa visão para iniciativas empreendedoras. Ao longo de um ano, muitas atividades desafiadoras aconteceram com o objetivo de romper limites e buscar possibilidades - 40 mulheres participam de aulas e mentorias de autoconhecimento, políticas públicas de inclusão, comunicação inclusiva, criatividade, empreendedorismo e gestão de negócios. Quando uma mulher cega se encontra com sua própria história, acontece a magia poderosa da força e da transformação.

Nossas ações

Mulheres de Visão

CAPACITAÇÃO

Aulas sobre os mais variados temas, com foco em gestão de negócios.

MENTORIA

Mentores especializados na criação e desenvolvimento de negócios.

IMPLEMENTAÇÃO

As melhores iniciativas são transformadas em negócios.

Nossas atividades

Agosto 2019

Lançamento do projeto no auditório da OAB

Agosto 2019

Participação no Encontro Nacional de Leitura Inclusiva, coordenado pela Fundação Dorina Nowill, em São Paulo.

Outubro 2019

Espaço de diálogo - encerramento dos módulos “O mundo da pessoa cega” e “Políticas Públicas de Inclusão”, na Escola Comradio.

Novembro 2019

Experiência Túnel Sensorial na UFPI.

Dezembro 2019

Lançamento aplicativo da webradio - músicas e reportagens sobre acessibilidade para ouvir de qualquer lugar.

Janeiro 2020

Mulheres de Visão vence o Prêmio Piauí de Inclusão Social na categoria ONG.

Fevereiro 2020

Visitas técnicas à jornais e TV’s, como parte da disciplina de Comunicação.

Março 2020

Encontro “A mulher que sou”, em homenagem ao Dia da Mulher - debates sobre lutas, desafios e conquistas.

Abril 2020

Festival online “A humanidade em nós - atitudes que incluem” - 10 encontros onlines + 30 palestrantes + 21 estados + 5 mil interações.

Outubro 2020

Aula de audiodescrição online.

COMO ASSIM, CEGA?

A jornalista e produtora de conteúdos para a internet, Nathalia Santos, fala sobre diversidade, inclusão, capacitismo e a chegada da maternidade.

Por Luana Sena

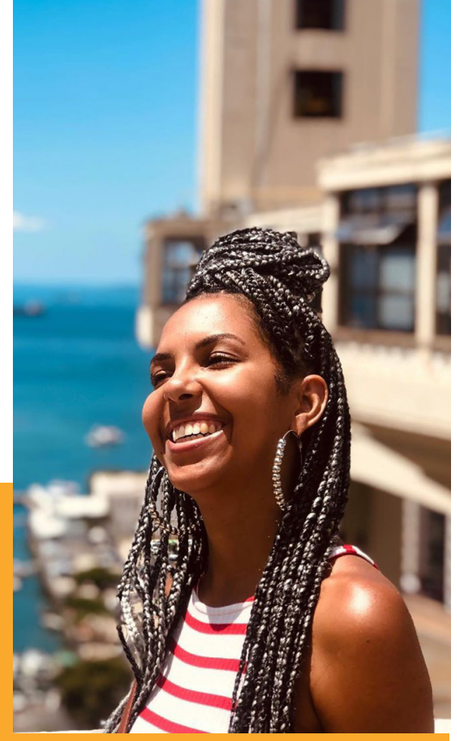
Nathalia sempre precisou provar que é cega. Sua figura e atitude contrapõem o estigma geralmente associado a pessoa com deficiência. Jovem, articulada, conectada, tornou-se uma das mulheres negras com mais influência digital de sua época - já são mais de 45 mil seguidores em seu perfil verificado no Instagram, rede que serve como plataforma divulgadora de seus trabalhos como jornalista, palestrante e produtora de conteúdo.

A única mulher entre os dois irmãos cresceu entre as comunidades Cidade Alta e Complexo da Penha, no Rio de Janeiro. O pai era vendedor e a mãe empregada doméstica. Ainda na infância recebeu o diagnóstico: portadora de retinose pigmentar sem pigmento, doença que causa degeneração da retina - perdeu totalmente a visão aos 15 anos. “Sou mulher, negra, deficiente e periférica, ainda por cima”, brinca, bem humorada.

Outras publicações poderiam destacar que nada disso foi impeditivo para Nathalia ocupar os espaços por onde passou - não a Visão. Mesmo com diploma na mão, a jovem jornalista enfrentou inúmeras recusas em processos seletivos que a excluíam em função de sua deficiência. “Eu só trabalhei por indicação”, diz, mesmo ressaltando o fato de estar há tanto tempo na TV. “A deficiência sempre vem antes do profissional, independente do currículo que a gente tenha”.

Nathalia foi produtora da Globonews e tornou-se a primeira pessoa com deficiência visual a apresentar um jornal na internet - hoje, aos 28 anos, é produtora de conteúdo no canal Multishow, sua principal ocupação - além de acumular projetos paralelos numa rotina incessante de trabalho.

Ao lado de Regina Casé no comando do Esquenta! - programa dominical na grade da Globo até 2017 - Nathalia percebeu a potência da sua imagem e discurso. Veio então a ideia de produzir seu próprio conteúdo para o canal “Como assim, cega?” no Youtube. Por ali, com seu jeito espontâneo e genuíno, Nathalia responde a questões do tipo “Como um cego sonha?” e dá dicas sobre “O que não fazer com um cego”.



“É muito legal compartilhar histórias, tem gente que se inspira e se vê em mim”, comenta destacando que a ideia do canal foi do irmão, Danilo, que a auxilia na produção dos vídeos. A atualização está temporariamente parada porque Nathalia tem dado vida - literalmente - a outros projetos: o de ser mãe, por exemplo, marcou o seu mês de agosto.

Por telefone, dias antes de dar a luz à Davi, seu primeiro filho, Nathalia responde às perguntas de Visão, e estampa nossa entrevista de estreia. Em um bate-papo leve, que não deixa de tocar em pontos necessários dos debates atuais, Nathalia fala da sua vida profissional, da maternidade, discute diversidade, capacitismo e evoca a resiliência em tempos atípicos de pandemia.

Nathalia sempre precisou provar que é cega, acima de tudo, pela sua enorme capacidade de visão.

A gente conhece a Nathalia da TV, do Youtube, do Instagram... mas quem é a Nathalia de verdade?

Olha, eu sou muita coisa, na verdade. Sou várias pessoas em uma só. Sou um pouquinho da minha mãe, do meu pai, dos meus ancestrais, minha avó e os que vieram antes dela. Sou um pouco dos meus irmãos também. Eu vou pegando um pouquinho de cada pessoa que passa pela minha vida pra construir um pouco do que eu sou. Mas sou uma menina muito sonhadora, que gosta de realizar. Sou muito feliz. E feliz mesmo, independente das adversidades, eu sempre olho a vida pelo lado mais feliz, tentando tirar o melhor das pessoas e de mim. Porque eu acho que quando a gente vibra uma energia boa, a gente atrai coisas boas. E além disso, sou filha, sou irmã, sou esposa, agora sou mãe. Um pouco de cada coisinha.

Você já teve neném?

Tô quase tendo, menina, quase que eu nem te atendi. Pode vir a qualquer minuto, inclusive falando com você (risos). Tô só esperando a bolsa estourar.

Sua carreira prioritária hoje não é youtuber, né?

Eu sou jornalista, sou produtora de conteúdo no Multishow e esta é minha principal atividade remunerada hoje. Todos os outros são consequências. Eu produzo conteúdo pro Instagram, pro Twitter, pro Youtube, agora com menor frequência... mas tudo por conta própria.

Não é minha principal fonte de renda, se fosse, a minha produção teria maior frequência porque a gente precisa de visualização, etc. Eu ainda não vivo disso. Faço porque eu gosto mas não é algo que me sustenta.

No seu canal tem um vídeo chamado “As vantagens de ser cega”, e, no geral, você parece uma pessoa muito positiva. O que você está fazendo para ver a vida de modo otimista nesse período tão peculiar de mortes, pandemia e outras notícias ruins nesse 2020?

Eu acho que nós, pessoas com deficiência, precisamos sempre ser resilientes. Desde que a gente nasce, porque não é fácil a vida da pessoa com deficiência no Brasil. E o histórico da pessoa com deficiência, desde que o mundo é mundo, nos empurra a essa resiliência. Temos desde sempre uma certa dependência porque em alguns momentos não temos certas tecnologias que atendem nossas necessidades, em outros a gente não tem capital humano, que enxergue a gente como pessoa, e não como deficiente, ou como uma bengala, como uma muleta, como uma cadeira ou como um aparelho de surdez, seja qual for a deficiência que a gente tem. Então, nós já nos viramos sempre. A pandemia também trouxe essa privação, que é algo com o qual também já estamos acostumados. Essa privação do ir e vir que muitos de nós temos, não é uma coisa nova. O difícil é a ausência do convívio social, que pra mim sempre foi muito. E o fato de ter uma doença que é uma incógnita ainda. É óbvio que eu não sou hipócrita de dizer que fico feliz o tempo inteiro - poxa, temos mais de 100 mil mortos.

Muitos amigos meus pegaram [a Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus], pessoas perto de mim faleceram. Você não tem como ficar indiferente a tanto sofrimento. E todo esse sofrimento agravado pela falta de governo, pela má administração pública, enfim, tudo muito piorado. Então tem um pouco de indignação, sim. Mas no que diz respeito as privações, enquanto pessoa com deficiência, eu tô acostumada a ter muito do meu dia-a-dia com privações. Essa resiliência que tá todo mundo falando agora, a gente já tá acostumado, a gente já passa por isso, e numa relação muito pior porque ainda somos invisibilizados e as pessoas não nos consideram.

> ***A deficiência é uma parte, é uma coisa que eu tenho, como ser mulher, como ser negra. A deficiência não me define.***

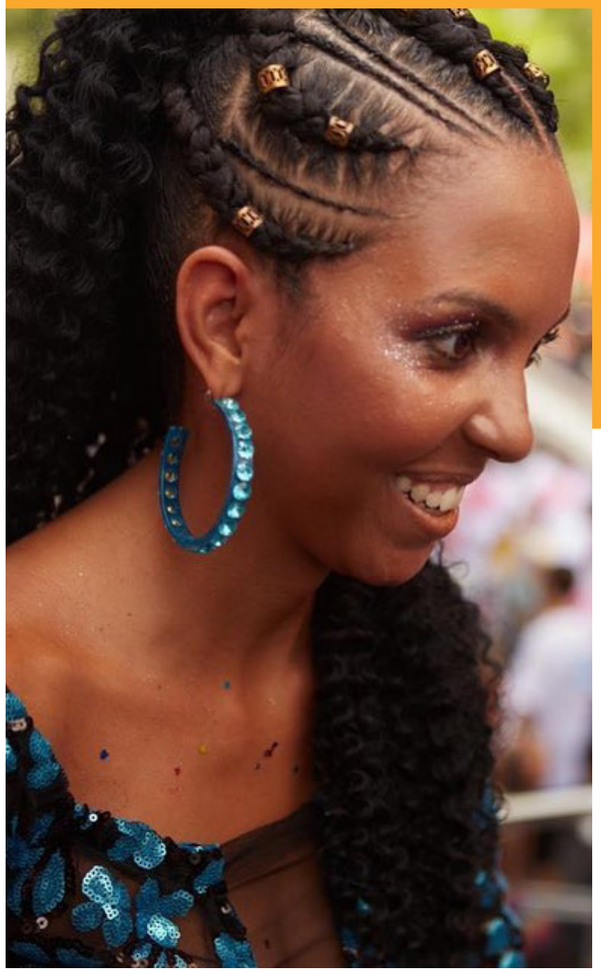
Você teve dificuldades, mais do que o comum, para acessar o mercado de trabalho?

Eu só trabalhei por indicação. É muito louco isso, mas independente de estar na TV ou não, todos os trabalhos que eu tive, fui indicada de alguma maneira. Só voltando um pouquinho: eu sou técnica em administração, me formei aos 18 anos e eu não consegui estágio por conta da deficiência. Aí depois fiquei quatro anos trabalhando na TV e depois quando saí estava me formando e também não tinha conseguido estágio por conta da deficiência.

Mais uma vez tive que trabalhar por indicação de uma professora. Então, assim, o que faz eu entrar é a indicação mas o que faz eu ficar não é isso. A deficiência sempre vem antes do profissional, independente do currículo que a gente tenha. Ainda hoje, a lei de cotas perto de completar 30 anos, e nada muda.

Te incomoda que a condição de pessoa cega venha primeiro quando se referem a você ou o fato de você ter ocupado espaços por essa representatividade fez esse incômodo passar?

Não, não passa nunca. Porque eu sou pessoa, né? Antes de ser deficiente. A deficiência é uma parte, é uma coisa que eu tenho, como ser mulher, como ser negra. A deficiência não me define. Ser classificada pela deficiência ou ter ela vindo antes é uma coisa que anula tudo que eu sou. Você perguntou ali em cima quem eu era e em nenhum momento eu falei pra você que eu era uma pessoa cega. E não é esquecendo que eu sou - a cegueira me abriu muitas portas, óbvio, mas é muito louco que ela tenha precisado abrir muitas portas. A gente luta sempre pra que nossa qualificação profissional e experiência de vida faça diferença, mas, em alguns momentos, ter determinados rótulos abrem algumas portas - e que bom. O chato é quando as pessoas só te veem como aquilo. E aí é muito difícil você quebrar paradigmas. Todos os lugares por onde eu passo eu consigo, em algum momento, desmistificar isso.



Mas não é com todo mundo e não é sempre. Mais uma vez, é necessário ser resiliente, porque a gente pode também não querer, e as pessoas também não entendem quando a gente não quer. As pessoas não nos dão o direito de não querer que a deficiência venha primeiro porque é sempre ela que chega.

Como você pontuou, você é mulher, negra e cega. Você acha que houve um avanço no que diz respeito a interseccionalidade nos debates sobre diversidade e inclusão?

Eu acho que a gente teve um avanço no sentido de falar. Trazer o assunto a tona e discutir. Mas, na questão da interseccionalidade, por exemplo, a deficiência pouco entra. A gente fala de feminismo mas é um feminismo muito seletivo, porque também os corpos com deficiências são anulados dessas discussões. São poucas as pessoas que tratam a interseccionalidade incluindo a deficiência. Eu sou chamada pra falar em muitos lugares, e em muitos lugares é como mulher negra. E falo da deficiência porque ela tá comigo - eu não quero escondê-la, só não quero que ela me defina antes de qualquer coisa. Em termos de avanço, não posso falar que não tivemos, mas acho que ainda precisamos avançar muito. Porque as pessoas realmente não nos enxergam, não nos consideram. E a interseccionalidade é mais uma delas.

Vamos falar sobre capacitismo. Muitos conteúdos que circulam na internet sobre as pessoas com deficiências pisam na bola neste quesito. Por que razão você acha que é tão difícil superar essa limitação no entendimento?

Acho que é uma questão cultural. Primeiro nós éramos descartados, jogados fora, depois trancados dentro de casa. A gente pouco esteve visível no mundo. Agora, que a gente tem tecnologias assistivas que atendem bem mais as nossas necessidades, o ser humano não avançou tanto quanto a tecnologia. Então ainda colocam a gente como super-heróis ou como vítimas. Eu dou várias entrevistas e sempre é: “Deficiente visual nam-nam nam-nam”.

É muito difícil para as pessoas entenderem que a gente vai além da deficiência. E quanto mais a gente fala sobre capacitismo, mais se desmistifica, mais as pessoas precisam também entender e querer ouvir. Porque elas ficam ofendidas quando a gente fala. E é preciso ser muito delicado porque ou a gente constrói pontes, pra construir diálogo, ou a gente constrói muros e essa coisa não vai parar nunca. Então vai muito de como você escolhe debater determinados assuntos. Mas é isso, as pessoas não nos enxergam consumindo, como dona de casa, sendo mãe, trabalhando ou fazendo qualquer outra coisa. São realidades muito distantes. O convívio, ele é tudo. Quando as pessoas passam a conviver, seja no trabalho ou em casa, começam a desmistificar.

"O ser humano não avançou tanto quanto a tecnologia. Ainda colocam a gente como super-heróis ou como vítimas"

E a mídia tem um papel muito importante nisso...

Ontem eu tava vendo uma novela e aí o menino ficou paraplégico e foi o fim do mundo! E cara, não é! Eu não tô diminuindo a deficiência, mas a vida dele não acabou porque ele vai estar numa cadeira de rodas. Ele vai ter dificuldades? Vai, muitas! Mas quando você coloca a deficiência como a pior coisa do mundo você já começa a ser capacitista. Não somos mais como éramos antes. Se pudermos e quisermos, podemos fazer esse papel que é um diferencial: ajudar, através do diálogo, nessa construção.

Quando você vai ter um filho e recebe o diagnóstico de que ele tem uma deficiência, para muita gente é o fim do mundo porque ele já fica tachado como uma criança doente. É preciso muita mudança de pensamento e é construção. Nós, deficientes, temos esse papel, se quisermos, de desconstrução dessa noção de séculos e séculos. E o deficiente tem todo o direito de não querer educar. As pessoas são grandinhas e elas tem internet, elas podem ter o interesse de pesquisar e entender que hoje não somos mais como éramos antes. Se pudermos e quisermos, podemos fazer esse papel que é um diferencial: ajudar, através do diálogo, nessa construção.

Você acha que os conteúdos capacitistas tem a ver com falta de diversidade nos espaços como agências, redações...

Em tudo, né? A gente não tá quase em lugar nenhum, amor! Somos pouquíssimas pessoas trabalhando. Somos 45 milhões de pessoas e somos só 486 mil trabalhando, o que é uma discrepância muito grande. Cadê a gente nos cargos de liderança? Cadê a gente nas redações? Cadê a gente na internet? Cadê as pessoas consumindo a gente na internet? A gente não tá nos lugares e quanto menos estivermos, menos essa discussão vai existir. Seja na faculdade, seja na escola, seja na pracinha. Quando a gente tem criança com deficiência na praça e ela vai brincar a mãe do outro já chega "fulaninho, vem cá, não fala com ela". Então não vai desmistificar nunca, enquanto nossos corpos estiverem incomodando ao ponto de uma mãe tirar a criança do convívio de outra.

Falando em consumir conteúdo na internet, você se considera uma produtora de nicho?

Difícil essa pergunta. Eu acho que tem conteúdos que, óbvio, interessa mais a pessoas que pertencem a um nicho. Eu pertenço a alguns nichos, afinal: eu sou uma mulher, negra, deficiente e periférica, ainda por cima. Então tô dentro de algumas caixinhas sim, mas eu não produzo conteúdo pensando nisso. O meu conteúdo é universal. Falo muito de deficiência, óbvio, mas faço isso muito mais pensando em quem não tem deficiência do que em quem tem.

Porque quem tem deficiência passa por aquilo também. Então é óbvio que quem tem deficiência talvez se sinta representado, talvez não - porque também tem isso, somos realidades completamente diferentes. Não é porque somos tantas pessoas com deficiência visual que a nossa realidade é igual. Eu produzo um conteúdo pretendendo que ele alcance o maior número de pessoas.

A inclusão sempre foi uma pauta presente na sua carreira. Você acha que ressaltar e demarcar as diferenças é o caminho para alcançar uma sociedade mais igualitária?

Não somos todos iguais. Nem quero ser igual a ninguém - eu sou muito diferente da minha mãe, que é diferente da minha tia, que é diferente da minha avó. Somos pessoas completamente diferentes, mas temos direitos iguais. Aí é que é a chave da questão. Independente deu ter uma deficiência ou não. Pode ter uma outra pessoa deficiente, com as mesmas características que eu mas com outras necessidades, outras especificidades. Então iguais nós nunca seremos. A diferença tem que ser ressaltada sempre. Mas o conteúdo precisa ser universal.

"As pessoas não nos enxergam consumindo, como dona de casa, sendo mãe, trabalhando ou fazendo qualquer outra coisa.

Ele precisa ter libras, ele precisa ter legenda, precisa ter audiodescrição, precisa ter fundo claro com letra escura, etc. Ele precisa atender ao máximo de necessidades possíveis porque todo mundo tem direito a comunicação, entende? Mas não somos todos iguais. Eu, por exemplo, sou flamengo. Flamengo tem 40 milhões de torcedores no Brasil. Temos o mesmo interesse? Temos. Mas não somos todos iguais. Então qualquer coisa sobre o flamengo eu vou ler mas talvez a alguns eu não tenha acesso porque talvez aquele conteúdo não me considerou em alguns aspectos, sabe? Então eu nem tenho essa pretensão de buscar ser igual. Cara, não somos. Não somos todos iguais mesmo.

Sabemos que na gravidez muitas mudanças acontecem - no corpo e no emocional da mulher. Você as tem percebido?

Eu sempre fui muito vaidosa e continuo sendo, só estou um tanto mais preguiçosa, na verdade (boceja). Porque são muitos hormônios, é um turbilhão de emoções e você se sente em uma montanha-russa. Algumas coisas se ressignificaram, tipo o tempo. Eu sempre fui uma pessoa muito proativa, muito acelerada. A gravidez faz perceber que o seu tempo não é só o seu tempo. Não adianta querer antecipar ou retardar as coisas.

"E o deficiente tem todo o direito de não querer educar. As pessoas são grandinhas e elas tem internet, elas podem ter o interesse de pesquisar.

Que conselhos você daria para as mulheres com deficiência que querem empreender em suas carreiras e vida?

Você precisa ser protagonista da tua vida, da tua história. Então a primeira coisa é estar no comando e acreditar em você mesma para que as coisas aconteçam. Ter um talento, um dom ou descobrir algo que você goste de fazer e investir sem medo de dar o próximo passo. Segundo: não esperar um retorno imediato ao ponto de cobrir todos os seus investimentos, porque não é fácil e não pode desistir na primeira topada, tem que ser resiliente sempre. E, em terceiro lugar, estudar muito a área, o negócio e a região. Isso vale tanto pra quem vai ser uma revendedora, ter um comércio ou produzir conteúdo pra internet, enfim. Nunca deixe de estudar porque quanto mais você estudar sobre, mais você estará preparada quando as adversidades chegarem.

BELEZA ALÉM DO QUE SE VÊ

Iniciativas do mundo da moda, da beleza - e dos negócios - visam incluir a diversidade de corpos e estilos.

Por Luana Sena

Há uma famosa frase do poeta Vinícius de Moraes que, se vivo fosse, seria canceladíssimo: "As feias que me desculpem, mas beleza é fundamental". Repetido ao longo dos anos, sempre em prosa e em tom de brincadeira, o comentário parte do pressuposto de que, quem o faz, tem o poder de distinguir o que é realmente belo - desprezando o que julga o contrário. Fundamental não seria entendermos realmente o que é beleza?

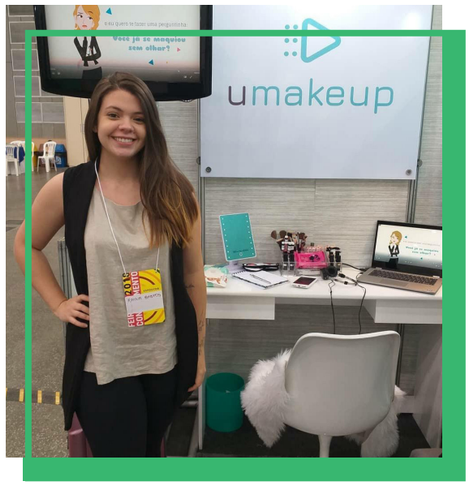
Afinal, o que é beleza? Quem está apto a julgar o que é ou não considerado belo? A Visão perguntou isso para mulheres que trabalham no mundo da moda e que a entendem para além do simples close: mulheres que pesquisam, estudam e trabalham sobre o âmbito da beleza e da moda, mas que já entendem e antecipam: a inclusão é a grande tendência do século.

Foi o Alzheimer diagnosticado da avó que fez Raína Basttos atentar para a importância da acessibilidade na moda e na beleza. Ela, que já trabalhava como maquiadora, percebeu que a doença começava a impedir os rituais de autocuidado e beleza da avó. “Ela sempre foi uma pessoa extremamente vaidosa e foi deixando de se cuidar, não enxergava mais tão bem, ficou desmotivada”, conta. “Comecei então a desenvolver técnicas para que ela pudesse se maquiar sem precisar se ver”.

Ao narrar a experiência para um professor, a iniciativa de Raína acabou virando uma ideia de startup: hoje, ela comanda a UMakeup, onde ensina automaquiagem para pessoas com deficiência visual. A experiência é focada em três pilares: simplicidade, trabalho em sequências e audiodescrição. O propósito é fazer com que cada mulher entenda seu estilo próprio e escolha suas combinações.

O interesse por automaquiagem acabou fisgando Josiane França - modelo cega, aos 43 anos, tem lá seus truques de belezas e técnicas para estar sempre linda. Cabelos, unhas bem feitas e sobrancelhas são suas principais preocupações neste quesito. A carreira de modelo, entre outras coisas, ampliou o seu olhar para a diversidade. “Para mim não existe um padrão”, diz, sobre a beleza. “Quando eu enxergava (Josiane perdeu a visão aos 30 anos, após contrair meningite) eu olhava as modelos e as achava muito magras”, lembra. “As mulheres são diversas, corpos e etnias”.

Não por acaso, a “ditadura da beleza” a qual estamos todos reféns, é algo recente na história. “Beleza é um conceito fluido, social, culturalmente e geograficamente localizado”, afirma Aliana Aires, P.h.D pela ESPM-SP em comunicação e práticas de consumo. “A beleza é um ponto de vista, que é cultivado em uma sociedade”, completa.



Foi o Alzheimer diagnosticado da avó que fez Raína Basttos atentar para a importância da acessibilidade na moda e na beleza. “Comecei então a desenvolver técnicas para que ela pudesse se maquiar sem precisar se ver”.

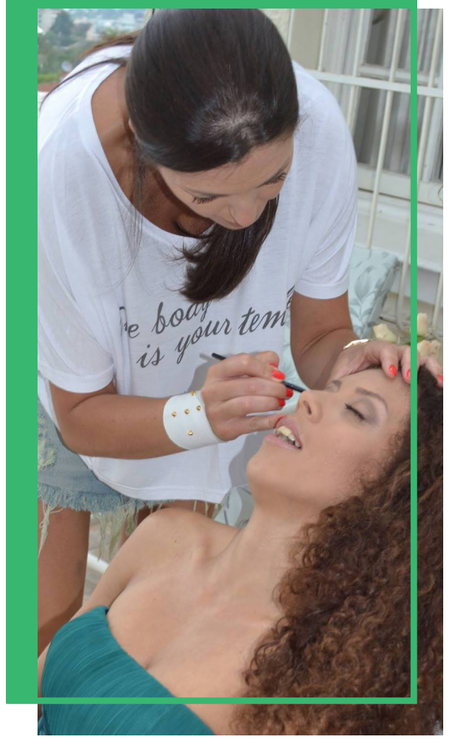
Cultivar o padrão magro, branco, alto, caucasiano, por exemplo, é uma prática da sociedade ocidental contemporânea - e que nem sempre foi assim. “Os concursos de miss da década de 50, 60, por exemplo, valorizavam o corpo curvilíneo”, informa a pesquisadora. “É um conceito que vai mudando e que tem várias razões para que hoje seja esse como também para que existam os vários movimentos contrários, os ativismos, que buscam entender outros corpos como beleza”.

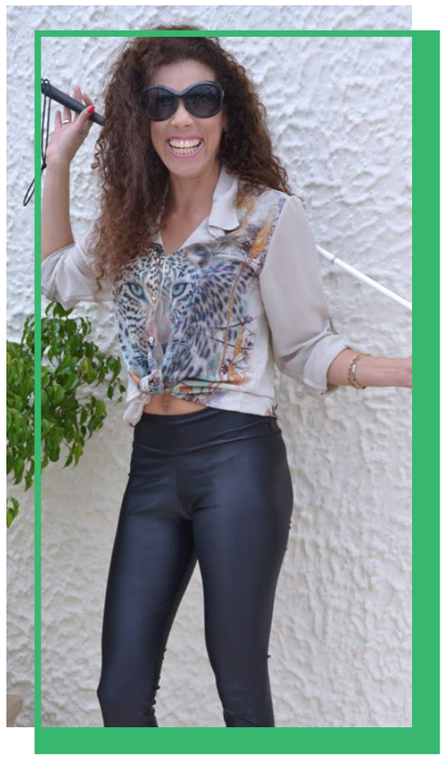
Talvez, a indústria da moda esteja começando a despertar pra isso. Ainda segundo a especialista, a inclusão no mundo da moda é reflexo de um movimento social e mercadológico. “A moda não ficou boazinha”, aponta. “O sistema simplesmente percebeu que não dava para trabalhar pro mesmo tipo de corpo e com o mesmo tipo de produto porque já tinham muitas propostas concorrentes no mercado”, explica. Paralelo a isso, há uma emergência da internet, disseminando opiniões e fazendo com que haja um movimento pró-diversidade que pressiona marcas e produtores. O resultado é uma inclusão, ainda que meio falsa: o gordo-magro, o velho-jovem, o negro-branco. “Há uma inclusão mas ainda muito pelo padrão”, critica Aliana. “Ainda temos que pensar mais”.

Sob o risco de incorrer ao que os estudiosos chamam de performative inclusion - ou seja, uma inclusão performativa, de faz-de-conta, que acaba evidenciando que a indústria da moda está bem mais preocupada em parecer inclusiva do que de fato ser - marcas e empresas de moda e beleza devem manter discurso e práticas bem alinhados. “Diversidade é pensar em corpos reais”, diz Aliana, que é também autora do livro “De Gorda a Plus Size: a moda do tamanho grande” (Estação das Letras e Cores, 2019), resultado da sua pesquisa de doutorado.

“Eu considero a inclusão e a diversidade já partes de mim”, diz Raína que sempre considera a acessibilidade em seus negócios e conteúdos digitais, servindo como exemplo de empresa um passo a frente para lidar com aquilo que impomos como diferente. “Eu creio em corpos diversos e que sim, nós podemos achar modelos com nanismo, cadeirante e com síndrome de down”, diz a modelo Josiane. Respeitar e incluir as diferenças, afinal, é algo que nunca sai de moda.

“Beleza é um conceito fluido, social, culturalmente e geograficamente localizado. É um conceito que vai mudando e que tem várias razões para que hoje seja esse como também para que existam movimentos contrários que buscam entender outros corpos como beleza”. - Aliana Aires, pesquisadora.





APRENDER PARA ENSINAR

A história de Josiane com a moda tem um capítulo que se chama Henrique Lequis - professor em um curso para modelos, ele provocou Josiane a modelar quando ela foi até a escola apenas cancelar a matrícula de sua filha. “Eu levei um susto”, relembra a modelo. “Estava bem apertada de grana na época e ele me deu uma bolsa”. Não é a toa que o curso de Henrique chama-se Anjos da Moda.

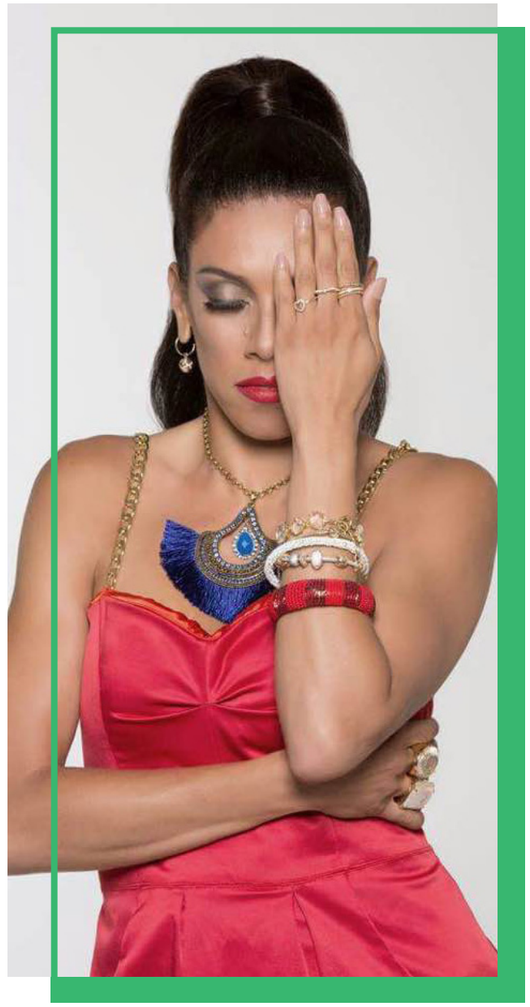
Josi foi a primeira aluna cega - antes dela, a turma já havia tido uma aluna com síndrome de down e depois um aluno cadeirante. Aulas de passarela, fotografia, atuação e interpretação e até etiqueta entram no pacote cujo diferencial parece estar mesmo em um professor disposto a mais aprender do que ensinar. “Não tive nenhuma dificuldade porque Henrique estava aberto e se deixou ser capacitado para poder me capacitar”, conta Josiane.

Juntos, eles elaboraram técnicas para tornar possível e seguro o desfile de beleza da modelo pelas passarelas, catálogos e outdoors do país - e, quem sabe, mundo. “Para fotografar, por exemplo, eu tenho que ficar alguns segundos parada, olhando pra câmera”, explica Josiane em detalhes. “Como eu não estou vendo e o meu olho também se mexe sozinho, eu fecho os olhos e conto alto até 3, já com a pose preparada”, segue revelando o macete. “Quando eu abro os olhos, enfim, é o momento do fotógrafo clicar”.

> ***“Ali eu percebi o quanto eu era capaz, o quanto eu conseguia. Mas também porque meu professor tornou isso possível. Ele quis aprender para poder me ensinar” - Josiane França, modelo.***

É claro que isso tudo não foi construído da noite para o dia - é um exercício em conjunto de parceria e dedicação. “É uma questão não só de empatia, mas de querer aprender, abrir o leque, dar oportunidades para as diversas especificidades de corpos que temos”, analisa Josi.

Em um desfile, no ano de 2013, ela entrou na frente, na passarela, cercada por quatro colegas numa performance em grupo. “Foi muito legal e eu até chorei”, relembra. “Ali eu percebi o quanto eu era capaz, o quanto eu conseguia e o quanto eu e os outros alunos éramos vitoriosos”, avalia. “Mas também porque nosso professor tornou isso possível, ele quis”, observa. “Quis aprender para poder me ensinar”.



OS PÉS NO CÉU E A MÃO NO MAR

Costuras do Imaginário: conheça a história das camisetas em braille e da força do trabalho e parceria de mulheres.

Por Luana Sena

Há onze anos, Cintia Caroline aprendeu a ler o mundo de outra forma. A mineira formada em Comunicação, estava desenvolvendo seu projeto de conclusão de curso em uma pós - em processos criativos em palavra e imagem - um livro sobre um fotógrafo, quando foi fisgada por um daqueles questionamentos capazes de mudar o curso de uma vida inteira: e se esse fotógrafo não enxergasse?

A pergunta veio para ela, conta, como um presente do universo: como seria a busca pelo mundo de alguém que não enxerga? “Aprendi a escrita braille, adquiri minha reglete e punção (que são as mesmas que uso até hoje!) e me adentrei com muita empatia, calma e afeto nesse universo”, nos conta em entrevista por e-mail. “Desde esse dia, que eu aprendi o braille, eu nunca mais parei”. conta.

Boas ideias de negócios, no geral, partem de inquietações como esta que Cintia teve: começam pequenas e vão se desenrolando na descoberta de um novo universo de possibilidades, inteirinho para ser explorado.

Cintia estava na casa de alguns amigos cegos, com quem passou a conviver, quando teve o segundo insight. “Eles estavam me contando sobre a dificuldade que tinham em organizar o guarda-roupa e escolher qual peça usar”, relembra. “Precisavam decorar que aquela blusa, com determinado botão, era verde. Aquela outra, com aquele tipo de gola, era azul e assim por diante”, completa. “Foi aí que pensei: eu tenho as ferramentas necessárias para apoiar essa questão”.

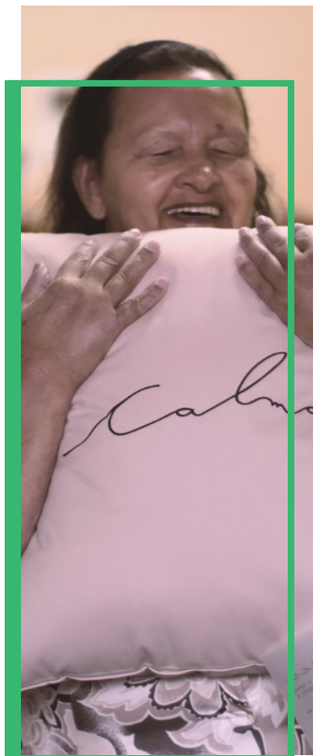
Cintia cresceu em meio a tecidos, tintas e linhas, dentro da pequena fábrica de confecção que os pais têm em Belo Horizonte. “Eu tinha um repertório suficiente para saber que aquela questão poderia ser solucionada por meio da estamparia”, pensou. “O que se tornaria mais pra frente, uma estamparia em braille”.

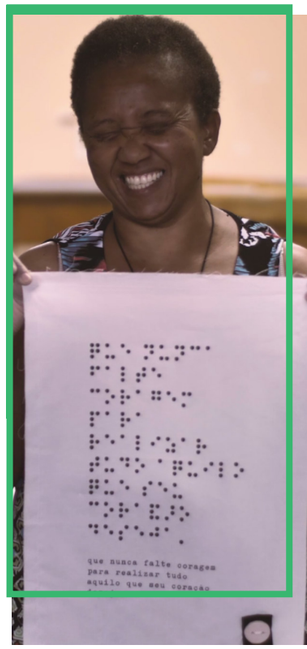
Nada é empecilho para uma mente criativa e inquieta - Cintia fez inúmeros testes e consultoria com os amigos até chegar em um modelo de estampa ideal, com o braille em um relevo adequado para a leitura no tecido. E, assim, começou a criar os produtos com estampas em braille.

O ano era 2009, e até que a empreitada de Cintia virasse um negócio, levou sete anos. Sua loja nasceu simbolicamente no dia do seu aniversário, em 20 de setembro de 2016. Foi como se ela mesmo estivesse renascendo, ali para o mundo.

Costuras do Imaginário é o nome da loja que vende bonitezas em tecido - de bordados e flâmulas a camisetas e almofadas, tudo vira poesia pelas mãos e o olhar da empreendedora. “A primeira coleção foi inspirada em tudo o que estava transbordando em mim naquele momento: liberdade, amor e gratidão”, rememora. “Essas foram as três palavras principais que deram vida aos nossos primeiros produtos”.

A loja online oferece os produtos pelo site e pelas redes sociais, e se conecta com pessoas do mundo todo, atraídas não somente pelo belo, mas pela acessibilidade e inclusão que a marca põe em pauta. “Sempre foi nosso propósito”, conta Cintia. “Além de termos nossa comunicação e nossos produtos acessíveis, nossa missão é permitir que cada pessoa que tenha acesso à marca, seja por uma postagem nas mídias sociais, seja por essa matéria, reflita: o que eu também posso fazer para apoiar a causa da acessibilidade? O que eu consigo mudar e transformar no meu dia a dia?”





As camisetas e objetos com palavras e frases cheias de afeto - “resistência”, “sororidade”, “enxergue além do olhar” e “sinta o som das nuvens”, brincam com sinestesia e há um imaginário como lugar afetuoso - conectando tudo aquilo que não é visto. Além disso, a grande sacada da Cintia foi incluir a mensagem também em estampas em braille que ficam localizadas no canto superior das costas, em todas as peças - o lugar ideal para tatear e fazer a leitura em um abraço.

Todas as postagens da Costuras do Imaginário, sejam no site ou em suas redes sociais, possuem #imagemdescrita - isto é, uma legenda acessível para consumidores cegos ou com baixa visão. A inclusão está presente em todas as etapas do processo - da criação, a exposição - com modelos que são corpos fora do padrão esteticamente imposto. “Eu não conseguiria, enquanto empreendedora, ter uma marca sem uma causa social, de transformação, envolvida por trás”, reflete Cintia. “Todas as minhas ações enquanto Costuras têm como norte tornarmos o mundo a nossa volta, um mundo mais empático e inclusivo”.

A MULHER E O MAR

Quando Cintia Caroline entrou pela primeira vez no Lar das Cegas, um espaço que resgata a capacidade produtiva de mulheres deficientes visuais, em Belo Horizonte, era uma sexta-feira a tarde, e encontrou o grupo entretido em uma aula de cerâmica. “Pude vivenciar aquela aula e perceber todo o sentimento que elas transbordavam na cerâmica”, relembra. “Voltei pra casa feliz e inspirada”.

Dali ha alguns dias, ela recebeu a ligação de uma das mulheres do Lar, convidando-a para uma nova visita: as mulheres assistidas pelo espaço queriam presentea-la com algo que haviam criado. Era um botão em cerâmica. “Na hora eu disse: vamos fazer uma coleção juntas, inspirada nesse pequeno botão”. E foi assim que a parceria começou.

A “Coleção Botões” marca a união da Costuras com as mulheres do Lar das Cegas, trazendo as experiências, inspirações e a sensibilidade de cada uma para dar vida as peças. Foi um período grande de planejamento, criação e produção até o lançamento - mais de 1.300 botões já foram encomendados à associação até hoje. Mas a parceria não parou por aí.

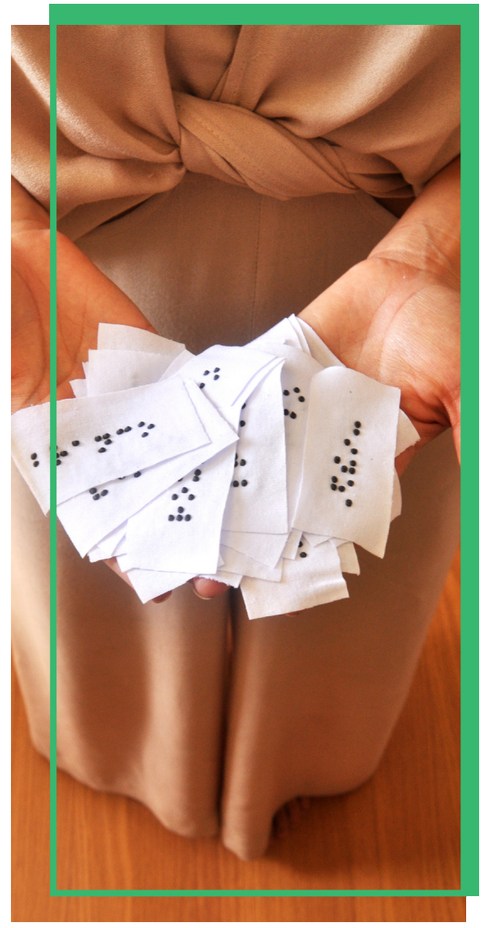
No ano passado, Cintia foi convidada para participar do TEDx em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Ela levou as mulheres do Lar das Cegas para, juntas, contarem sobre a experiência do trabalho em colaboração. Entre as rodadas de palestras e muitos aprendizados no evento, algumas das mulheres confidenciaram algo a empresária: nunca haviam sentido o mar. É claro que um pulinho na praia teve que entrar na programação.

> ***Eles estavam me contando sobre a dificuldade que tinham em organizarem o guarda-roupa e escolherem qual peça usar. Precisavam decorar que aquela blusa, com determinado botão, era verde. Foi aí que pensei: eu tenho as ferramentas necessárias para apoiar essa questão.***

> ***Além de termos nossa comunicação e nossos produtos acessíveis, nossa missão é permitir que cada pessoa que tenha acesso à marca, seja por uma postagem nas mídias sociais, seja por essa matéria, reflita: o que eu também posso fazer para apoiar a causa da acessibilidade?***

“Essa foi, sem dúvida, uma das experiências mais marcantes de toda a minha vida”, relata Cintia. “Presenciar alguém conhecendo o mar pela primeira vez é sempre algo bonito e forte”. Algumas cenas desse momento foram registradas em vídeo e transformadas em pura poesia pelos olhos de Cintia. “Passamos momentos longos sentadas na beira do mar, de olhos fechados e sentindo todos os relatos que elas me contavam”, resgata. “Acredito que eu mesma (re)conheci o mar novamente neste dia”.

O fato de ser vidente deu a Cintia o privilégio de registrar imagens e relatos deste dia, inesquecível como toda primeira vez de alguém em frente ao mar. Pés na água e muito azul em torno delas, fortaleceu e reinventou a parceria de mulheres. “É nessa conexão que compreendo meu lugar no mundo e me inspiro para qualquer criação”, define Cintia. “Nós somos natureza e é importantíssimo que resgatemos isso. Somos parte de um todo e estamos completamente conectados”.



ACESSE
O SITE
MULHERES
DE VISÃO

mulheresdevisao.com.br

Mulheres de Visão

POR DENTRO DO EMPREGO

Mais de 50% das vagas de trabalho para pessoas com deficiência não estão preenchidas no Piauí. Profissionais, empresários e fiscais debatem as razões.

Por Luana Sena

Trabalho: para a sociologia é a essência para o desenvolvimento do homem. Para os economistas, é o fator de produção calculado em horas e pago em salário. Para a física, é a energia empregada em uma força capaz de gerar deslocamento. E, para 45 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência (segundo o último censo do IBGE em 2019), é a chance de inserir-se numa sociedade que os exclui de uma vida cidadã e economicamente ativa.

Durante os meses em que passou confinado em casa pelo isolamento social - recomendação da OMS para evitar o contágio do novo coronavírus - Carlos Antonio Viana, o Carlinhos, se dividia entre pautas do jornal O Povo e tarefas do Complexo Cultural Dragão do Mar, em Fortaleza, onde trabalha com acessibilidade para pessoas com deficiência. O home office ficou puxado até mesmo para quem sempre foi acostumado a exercer mil e uma atividades. “No jornalismo, a deficiência não é um impeditivo”, responde Carlinhos, que nasceu com glaucoma e perdeu a visão total. Foi a vivência em hospitais, aliás, que o lançou no mundo da comunicação, ainda criança: “Meu irmão me deu um radinho que eu escutava enquanto me recuperava das inúmeras cirurgias que fiz”.

Anos mais tarde, já na faculdade de jornalismo, Carlos se tornou voluntário na rádio Dom Bosco, no Ceará, e, logo depois, passou no processo seletivo para trabalhar no O Povo, onde está até hoje. “É lógico que fazer análise visual de algum acidente ou cobertura de jogo, tem alguns momentos que a falta de visão atrapalha”, comenta. “Mas no geral, dá pra ser jornalista cego sim, até porque tem outras inúmeras coisas que eu posso fazer”.

Compreender a deficiência como uma condição que não incapacita as pessoas é um passo que muitas empresas e contratantes ainda precisam rever em suas políticas de contratação, valores e, principalmente, em algo que os especialistas chamam de acessibilidade atitudinal - tem que partir das pessoas a vontade e empenho para praticar a inclusão tanto no ambiente social, de lazer, como no profissional e no mercado de trabalho.

> *No jornalismo, a deficiência não é um impeditivo. Dá pra ser jornalista cego sim, até porque tem outras inúmeras coisas que eu posso fazer.*
>
> *Carlos Viana, jornalista.*

Para tentar a equidade num cenário tão díspare entre quantidade de pessoas com deficiência aptas a trabalhar e número de profissionais contratados nas empresas, a legislação trabalhista brasileira tem um artigo específico, na Lei 8.203 - popularmente conhecida como “Lei de cotas”: empresas com 100 ou mais empregados precisam reservar de 2 a 5% de suas vagas para pessoas com deficiência (a quantidade vai aumentando de acordo com o número de funcionários da empresa).

Mas, o fato de ser um direito previsto em Lei não assegura a entrada de todas as pessoas com deficiência no mercado de trabalho. “Há na cabeça de muitos empresários a ideia de que eles vão ter muito gasto, não encaram isso como investimento”, observa Carlos. “Eles não veem a pessoa com deficiência com as qualidades que um profissional pode ter”.

Jucelma Silva é uma mulher com baixa visão, pós-graduada em Seguridade Social que trabalhou formalmente por 14 anos em redes de supermercado e concessionárias de veículos. Há dois anos montou o próprio negócio na sua casa, em Teresina: uma loja de cosmético e produtos de beleza. Para ela a deficiência nunca foi impeditivo - mas concorda que as empresas, para cumprir a Lei de Cota, priorizam classificações de deficiência consideradas menos “graves”. “Geralmente não querem pessoa cega nem com mobilidade reduzida”, avalia. “Querem uma pessoa com o dedo cortado, por exemplo”.

O Piauí tem hoje 211 empresas obrigadas a cumprir a cota para pessoas com deficiência - há um total de 3.168 vagas, das quais somente 1.768 estão preenchidas - segundo dados do Ministério do Trabalho de junho de 2020. Mais de 50% das vagas estão em aberto, ao passo que somente a cidade de Teresina possui, no mínimo, 21.273 pessoas com deficiência com idade entre 19 e 59 anos, aptas a preencher vagas de emprego nesse âmbito.

> *O Piauí tem hoje 211 empresas obrigadas a cumprir a cota para pessoas com deficiência - há um total de 3.168 vagas, das quais somente 1.768 estão preenchidas.*

Para entender por que esta é um conta que não fecha, Visão foi ouvir trabalhadores, empresários, especialistas e fiscais do trabalho. Na pauta, os principais desafios profissionais enfrentados pela pessoa com deficiência - questionando, provocando e cobrando sua presença em todos os espaços.

A RESPOSTA DAS CRIANÇAS

Clemilda Sousa é uma mulher pequenininha se comparada ao tamanho do currículo que carrega: é mestra em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, tem duas especializações (em Pesquisa Científica e em Tradução Audiovisual Acessível), além de ser formada em Biblioteconomia. Atualmente trabalha na Biblioteca de Ciências Humanas da Universidade Federal do Ceará, no atendimento à Pessoa com Deficiência - sendo, ela mesma uma dessas pessoas, sabe bem o que é enfrentar um mundo de barreiras para o crescimento pessoal e intelectual.

A Cleo, como é chamada pelos mais próximos, teve poliomielite (paralisia infantil) aos quatro anos de idade e ficou tetraplégica. “Em menos de um mês perdi todos os movimentos do corpo”, relembra um capítulo marcante que hoje elabora em memórias afetivas de sua infância. “Certa noite, logo quando cheguei do hospital, eu ouvia meus colegas brincando na rua e chorava muito porque eu também queria brincar”, relata.

> *Como qualquer profissional, há funções na minha área que gosto mais de desempenhar ou tenho mais aptidão que outras, e isso não tem ligação com minha deficiência.”*
>
> *Clemilda Sousa, bibliotecária.*

A mãe de Cleo que, em vão, tentava lhe consolar, tentou outra opção: saiu para a rua de repente e voltou com todas as crianças para dentro do seu quarto. “Ela quer brincar”, disse à turma de meninos e meninas do bairro que olhavam assustados para a vizinha imobilizada. “Até que uma delas soltou: ‘’Já sei! Vamos brincar de estátua!’” e todos sorriram e gostaram da ideia - mesmo com Cleo ganhando todas as rodadas. “Naquela noite a ‘cura’ me visitou, a cura pela ação da sociedade representada naquelas crianças”.

Este episódio revivido por Cleo poderia servir de inspiração para pensarmos na inserção de pessoas que julgamos como diferentes em todos os setores de uma sociedade - a diversidade vem sendo levantada como bandeira entre muitas marcas, empresas e instituições que, muitas vezes, na ânsia por trabalhar a inclusão em seus discursos, esquecem-se que para além do racismo e machismo, é preciso abrir mão das lentes do capacitismo - isto é, a crença equivocada de que pessoas com deficiências são corpos menos produtivos ou menos capazes de desempenhar certas funções.

Entre muitas seções de fisioterapia - e numa época com menos ou quase nenhuma política pública voltada para os direitos da pessoa com deficiência - Cleo conseguiu chegar a universidade e também ao cargo no serviço público que hoje ocupa. “A deficiência nunca foi um obstáculo para o exercício da minha profissão, a questão não é essa, é outra”, avalia. “O impeditivo é uma construção social, cultural, que tem suas raízes bem solidificadas na imagem construída sobre a pessoa com deficiência”. Cleo se refere as “barreiras atitudinais”, definidas pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Nº 13.146, de 6 de junho de 2015) - são barreiras que impedem que sejam pensadas soluções, adaptações, estratégias e metodologias que promovam a inclusão. “Como qualquer profissional, há funções na minha área que gosto mais de desemprenhar ou tenho mais aptidão que outras, e isso não tem ligação com minha deficiência”.

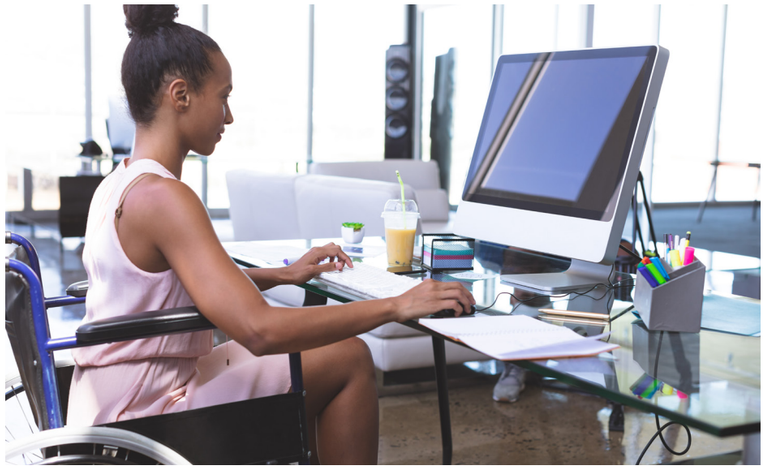
Reduzir as potencialidades de uma pessoa com deficiência ainda é o principal impeditivo para a construção de uma equidade no cenário profissional. “O estigma da incapacidade ainda é um fantasma na vida das pessoas com deficiência, aliado a pouca ou precária formação escolar que nos é oferecida”, diz Cleo. No entanto, os dados apontam que mesmo pessoas formadas ou com qualificações para ocupar cargos disponíveis, acabam sendo preteridas em processos de seleção. “Isso tem muito de preconceito, falta oportunidade, não formação”, argumenta Cleo. “O preconceito ainda é a maior barreira”.

A VAGA É SUA

Todas as pessoas do mundo tem limites - saber reconhecê-los, inclusive, é parte da nossa humanidade. Ter consciência disso deveria ser o primeiro passo para pensar processos de seleção de profissionais mais inclusivos, que respeite e valorize as habilidades de cada indivíduo. “No mundo de hoje, onde as coisas tendem a ser muito aceleradas, as pessoas com deficiências acabam não tendo espaço de mostrar suas potencialidades”, observa Leonardo Araújo, auditor-fiscal do trabalho. Leonardo coordena uma equipe responsável por fiscalizar a inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho no Piauí.

A tarefa consiste em monitorar mensalmente as empresas através dos sistemas do Ministério do Trabalho para os quais elas são obrigadas a mandar informações. “Quando identificamos eventuais descumprimentos, nós notificamos essas empresas para que contratem pessoas com deficiência, de maneira a ter a cota cumprida”, explica o fiscal. Mas não para por aí: além de garantir o cumprimento da Lei, a fiscalização também atua auditando documentos, laudos e exames que comprovem que os profissionais concorrentes se enquadrem como pessoa com deficiência, evitando fraudes.

Outro ponto importante no trabalho dos fiscais na cadeia de busca pela inclusão é checar questões de acessibilidade. “Não basta você simplesmente contratar a pessoa com deficiência”, diz o auditor. “É necessário que a empresa disponibilize os meios necessários para que a pessoa consiga realmente trabalhar”. Por exemplo: se você contrata uma pessoa que faz uso de cadeira de rodas para sua locomoção e a sua empresa é um prédio sem rampas ou elevador, você está contratando mas não dá as condições adequadas para que a pessoa possa trabalhar. “Quando você inclui mas não disponibiliza os mecanismos de acessibilidade, você acaba gerando uma extrema desmotivação para o trabalho e aí essa inclusão acaba não sendo efetiva, não passa de um número e não cumpre a real finalidade da ação afirmativa”, observa Leonardo.



O Carlinhos, jornalista do O Povo, desempenha a maior parte do seu trabalho no computador, fazendo uso das diversas tecnologias assistivas disponíveis hoje no mercado. Mas nada disso seria possível se o jornal não o tivesse considerado como um bom candidato em seu processo de seleção, lá em 2013.

“Nas fiscalizações, o principal argumento das empresas para não contratar a pessoa com deficiência é de que não há candidatos interessados em trabalhar”, diz Leonardo. “Na prática, percebemos que é uma falácia”. Os números - e investigações mais aprofundadas dos fiscais - apontam para o fato de que em praticamente 100% das vezes há interessados que participam das seleções mas acabam não sendo contratados. Muitas vezes a comunicação sobre a abertura de vagas também não presa por uma acessibilidade comunicacional - anúncios em redes sociais e suas bolhas algorítmicas ou páginas de jornais acabam não sendo a forma mais democrática.

Outro argumento repetido pelos contratantes é a falta de qualificação profissional - outra falácia. “Temos vários casos de pessoas com deficiência com ótimos currículos que são dispensadas de cara das seleções”, afirma o auditor-fiscal. Os dados apontam, aliás, que pessoas com deficiência mais qualificadas tem ainda mais dificuldade em conseguir vagas - muitas empresas acabam lotando o cotista para as funções mais baixas do seu quadro de equipe.

“As empresas ainda veem o profissional com deficiência como uma pessoa que serve meramente para cumprir a Lei de Cotas”, afirma Carlinhos. A percepção não é equivocada: cerca de 80% das empresas brasileiras admitem que só as contratam para cumprir a lei (pesquisa da ABRH, Isocial e Catho, de 2015). E, mesmo inserida no mercado, o reconhecimento salarial ainda é um desafio. “Muitas vezes a pessoa com deficiência acaba não conseguindo um emprego com remuneração melhor ou alcançando cargos mais elevados”, analisa o jornalista. “A gente tem chance e capacidade de conquistar mais coisas”.

DIVERSIDADE É VALOR

A equipe que Clemilda coordena como gestora da seção de atendimento a pessoa com deficiência na Biblioteca da UFC é composta por pessoas com e sem deficiência - assim como é o mundo. Mas ela não teria chegado aonde chegou sem as políticas afirmativas para inclusão. “A ignorância e o preconceito definem muitos processos seletivos, olhando as pessoas com deficiência como menores, incapazes, buscando uma igualdade sem levar em consideração as singularidades, as diferenças”, avalia.

Promover a inclusão e a diversidade é um dos traços mais relevantes da cultura corporativa do Grupo Pão de Açúcar - o maior varejista alimentar da América do Sul está sempre no ranking das empresas que mais investem em acessibilidade e inclusão. Proprietário das marcas Extra, Pão de Açúcar, Assaí e Compre Bem, o GPA emprega hoje mais de 4 mil profissionais com deficiência - o Assaí, bandeira de atacarejo do grupo, fechou 2019 com 5,4% do seu quadro de colaboradores preenchido com pessoa com deficiência.

Os dados foram informados pela Susy Yoshimura, diretora de sustentabilidade e compliance do GPA, em entrevista à Visão por e-mail. “Nosso compromisso com a diversidade, o respeito e a inclusão é um diferencial do nosso negócio, que é feito por pessoas e para pessoas e tem como centro da estratégia o cliente”, relata. “Pessoas diversas vão contribuir com experiências e pontos de vistas diferentes, o que traz novas compreensões que permitem aperfeiçoar o modelo de negócios, remodelar produtos e até a forma de prestar os serviços”, completa.

> *Geralmente não querem pessoa cega nem com mobilidade reduzida. Querem uma pessoa com o dedo cortado, por exemplo.*
>
> *Jucelma Silva, empreendedora.*

Investir em uma equipe diversa e plural é uma meta que requer pensar cuidadosamente tanto processos de seleção mais justos como a promoção de um ambiente de trabalho inclusivo e o investimento em capacitação e desenvolvimento contínuo de seu pessoal. “No processo seletivo do GPA, não diferenciamos candidatos por tipos de vagas”, informa a diretora. “Destacamos as habilidades e competências necessárias para o cargo, mas não classificamos que determinadas vagas são específicas para pessoas com deficiência ou não”, continua. “Entendemos que isso é uma escolha do candidato. Ele deve avaliar a qual vaga ele melhor se enquadra”, determina. “E, nós, como contratantes, devemos estar preparados para recebê-lo”.

O grupo também tenta promover a contratação de pessoas com deficiência através do ISD - índice de sustentabilidade e diversidade, que tem como uma das metas gratificar gestores e equipes de loja que contratem pessoas com deficiência. “Isso nos ajuda a incentivar o time e promover a inclusão em todos os níveis e setores do negócio”, diz Susy.

A diversidade precisa ser encarada pelas empresas para além de uma mera obrigação de cumprir leis - mas sim como um valor prioritário, capaz de alavancar o desempenho e a inovação socioeconômica de muitos negócios. “A diversidade é fundamental para trazer mais inovação para a companhia e formar equipes complementares”, explica Susy. Investir em políticas e iniciativas que visam a inclusão e desenvolvimento de pessoas com deficiência, para além de uma questão de cumprir lei é presar pelos direitos humanos e civis, pelo respeito e equidade de todos. Em outras palavras, é tirar pessoas como Cleo, Carlinhos e Jucelma do papel de figurantes de suas próprias vidas - e possibilitá-los a experiência de protagonizarem seus sucessos e conquistas profissionais.

O PODER TRANSFORMADOR DA MULHER CEGA

As mulheres têm um poder extraordinário de transformar. E começa com coisas simples. A minha mãe teve três filhos. Deu casa, comida e educação para muitos outros. Ela sempre trabalhou duro para sustentar a família. Meu pai na lavoura e ela na lavoura, na casa e na educação dos filhos. As transformações que minha mãe fez no dia a dia foram imensas e grandiosas, apesar de poucos enxergarem o valor daquilo. Quantas vezes vi minha mãe dividir o pedaço de pão em quatro ou cinco para alimentar seis ou sete. Quantas costuras no short puído minha mãe deu para que servisse ao irmão mais novo. Quantas vezes vi minha mãe acordar cedo para fazer o café e chamar os filhos para irem a escola. Até minha adolescência não vi nada demais nisso. Era normal. Era o que ela devia fazer, porque assim tinha que ser. Há milhares de anos tinha sido assim e assim seria para sempre.

No entanto, com o avançar dos anos fui percebendo que a universidade e os livros, por mais conhecimento que pudessem me dar, não conseguiriam nunca chegar perto dos ensinamentos que minha mãe me passou. Dividir o pão era solidariedade. Remendar o short velho era dizer não ao consumismo exagerado. Acordar cedo era a responsabilidade que deveríamos ter com o que decidíssemos ser na vida. Havia ali um sentido de segurança e de dignidade imensos. Mesmo que o meu pai estivesse por perto, ela era o porto seguro. Só interpretei esses detalhes mais tarde. Mas, a verdade é que a primeira raiz de inspiração para reconhecer o poder de transformação da mulher veio da minha mãe. Ela poderia ter sucumbido com tanta responsabilidade, mas, pelo contrário: ela criou todos nós de forma digna, nos ensinando e transformando nossas vidas diariamente.

Eu nasci no miolo do semiárido do Piauí, num povoado chamado São Francisco. Na seca, as mulheres sempre foram a fonte rica e principal de transformar a miséria que abatia as famílias. As mulheres faziam do nada, a vida possível, mesmo sem água potável ou comida simples. Estes fragmentos me fizeram ter uma grande admiração pela mulher. Pela força interior que elas têm e a força transformadora mesmo com as adversidades.

Mas, para mim é estranho que muitas mulheres ainda falem baixinho sobre seus feitos extraordinários diários e que muitas pessoas não consigam ouvir os sussurros de tanta potência que transforma. E acho mais estranho ainda a sociedade não abrir espaço digno para que as mulheres possam fazer mais. Sou convicto de que elas podem muito mais e de que teríamos uma sociedade muito melhor. Talvez possa soar estranho que isso venha de um homem de 42 anos, pai de quatro filhos, esposo, negro, jornalista, professor. E eu digo que mais estranho seria se tal sentimento não me aflorasse por todos os aprendizados transformadores que as mulheres que já passaram por minha vida me deram. Estou apenas devolvendo o que é da natureza do universo, muito bem dito na oração de são francisco: ...Pois, é dando que se recebe...

E aí quando eu penso que já aprendi tudo sobre o poder transformador das mulheres, eis que conheço o mundo das mulheres cegas. Ao contrário do que muitos pensam é um mundo cheio de luz, de cores, de vida, de resiliência. Do lado de fora do mundo delas também tem muito preconceito, violação de direitos e quase nada de oportunidades. Mesmo assim elas seguem a vida, sendo mães, advogadas, esposas, donas de casa, cantoras, pedagogas, professoras, jornalistas etc. Elas ignoram a ignorância e seguem. Elas não aceitam serem invisíveis e passam a lutar com unhas, dentes, batom, coração, corpo e alma para que mais mulheres possam falar bem alto das suas dores e sabores da vida. Se na minha mãe eu já via o poder de transformar, nas mulheres cegas consegui enxergar uma grande capacidade transformadora que está sendo marginalizada e silenciada. É nesse ponto que precisam existir ideias, pessoas e projetos que possam contribuir para que as mulheres estejam presentes onde elas quiserem, e que elas possam ter o direito de influenciar nas decisões que vão impactar na vida delas. Mais que isso: que vão impactar na sua casa, na rua, na cidade, no país e no mundo.

Então eu optei, mas não foi uma opção acadêmica, por assim dizer, “eu vou ser empreendedor social e trabalhar com a causa das mulheres cegas”. Vou ser um defensor dos direitos humanos. Foram as realidades que me ensinaram e que me impeliram a tomar um posicionamento. Já vão 15 anos de trabalho e a sensação é que está apenas começando. As lutas que comecei há 10 anos, ainda continuam as mesmas. Não há país nenhum no mundo que possa dizer que as mulheres já conseguiram total liberdade, espaço, com direito de sentar e participar das decisões que são discutidas e são tomadas. Não há. Alguns melhores do que outros, mas os direitos das mulheres continuam a ser atropelados.

E pior de tudo, mesmo com tanta informação disponível para todos, ainda temos, todos os dias, pessoas que acham que têm o direito de tirar a vida de uma mulher só porque ela é mulher. Muitos homens usam como base suas frustrações próprias e banais e se vingam com uma violência brutal contra as mulheres, até lhes tirarem a vida. Por isso é que temos o índice de violência enorme com base no gênero nos dias de hoje. É uma luta sem fim, por enquanto. Um caminho para vencer essa guerra é reconhecer a potência de transformação da mulher e começar imediatamente a incluir. E incluir é viver o tempo do outro.

Iraildon Mota

Pres. Escola Comradio e Instituto ILEVE,
Coord. Projeto Mulheres de Visão

Uma escola
que aprende.

EADCOMRADIO
eadcomradio.com.br

COLUNA VISÃO

para ver, ouvir e seguir

5 PERFIS PARA VOCÊ SEGUIR!

@marianatorquato

A Mari é uma ruiva que acredita em um futuro acessível e anticapacitista. Ela é criadora do maior canal no youtube Brasil, hoje, sobre deficiência e produz conteúdos incríveis. Vai lá!

@lorenaeltzz

A Lorena só tem 20 anos e já é uma das maiores influencers quando o assunto é conteúdo de qualidade na internet. Ela é fera em desvendar os mitos e verdades sobre colostomia e explica tudo sobre os tipos de ostomias.

@isa.meirelles

A Isa Meirelles tem mais de 20 mil seguidores que adoram seu talento de transformar deficiência em provocações. Ela cria conteúdos sobre moda e acessibilidade. Vale o like!

@mynspira

Esta é a página da Mylena Rodrigues, uma mulher com baixa visão, especialista em acessibilidade, inclusão e marketing digital. Além disso, ela é também mestra em história e estudante de Turismo, e compartilha seus ótimos projetos pelo IG.

@blogueirapcd

Quantos biscoitos a Lele Martins merece? Esse perfil é puro autocuidado, moda e lifestyle - tudo produzido por uma PCD: preta com deficiência! Segue lá e não perde um post!

5 SÉRIES PARA CURTIR

1 - YEARS AND YEARS (HBO)

É um drama futurista que tem como pano de fundo uma família normal de Manchester - mas não espere carros voando nem personagem robô. A distopia é quase realista, com histórias com as quais estamos bem familiarizados, sobretudo nos embates políticos sociais em que vivemos. Rosie Lyons (interpretada por Ruth Madeley) é a mais jovem dos irmãos Lyons e tem espinha bífida . Ela trabalha em um refeitório escolar, é mãe solo, e tem dois filhos, Lee e Lincoln - cujo nascimento vai marcando a passagem dos anos na série.

2. DEMOLIDOR

O herói da Marvel tem uma deficiência visual. É verdade que o acidente que lhe tirou a visão também rendeu um aguçamento dos outros sentidos, mas o Demolidor interpretado por Charlie Cox é um personagem tão complexo, interessante e apaixonante que não dá para tirá-lo dessa lista.

3. GLEE

Artie Abrams é um personagem cujo sonho é tornar-se dançarino, como mostra no episódio Sonhos. Quando ele tinha oito anos, envolve-se em um acidente de carro com sua mãe e tornar-se paraplégico. Então ao longo da série, ele utiliza a cadeira de rodas mas não se define por sua deficiência e acha inconveniente quando seus amigos lhe olham diferente por causa disso.

4. BREAKING BAD

O personagem Flynn é o filho de Walter White, tem 16 anos no inicio da série e tem paralisia cerebral, o que o faz falar de forma diferente e usar muletas por toda a série. Não são ditos grandes fatos sobre a infância ou a primeira metade da sua adolescência. Contudo um fato interessante é que o ator na vida real também possui paralisia cerebral.

5. THE GOOD DOCTOR

Shaun Murphy vive um médico autista (Síndrome de Savant) que a cada episódio enfrenta diversas dificuldades para ganhar o respeito dos colegas no ambiente de trabalho.

PARA DAR BOAS RISADAS

LORRANE SILVA

é uma mineira de 24 anos que está bombando no TikTok e no Instagram, onde soma mais de 1 milhão de seguidores! Ela produz conteúdo que desperta identificação de jovens e adultos - piadas sobre infância, balada, amizades, relacionamento, quarentena... tudo vira assunto e gargalhada! Lo é uma pessoa com deficiência, mas não gosta quando dizem que usa o humor para “superar” o que quer que seja. Acompanhe seu perfil bem-humorado e saiba: é risada garantida!

A PAUTA É MÚSICA!

Ao longo desta revista você leu algumas matérias cujos títulos ou subtítulos foram inspirados em músicas. Para compartilhar com você os sons que inspiram as histórias que contamos, criamos uma playlist especial que você pode acessar em **(Spotify Mulheres de Visão)** ou clicando no ícone logo abaixo.

Contato:

86 9 88256602

Nossas redes sociais:

projetomulheresdevisao@gmail.com

@projetomulheresdevisao

APOIO:

FÓRUM DE INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NO MERCADO DE TRABALHO DO ESTADO DO PIAUÍ